

“Minhas senhoras e meus senhores,
Meus amigos:

Há dois anos, quase três, atravessamos o Oceano, viemos do Brasil para Portugal, onde permanecemos mais de seis meses, com o nosso «Teatro Popular de Arte». Trouxemos um teatro novo, cheio de vitalidade: o teatro que fazemos no Brasil. Nossos irmãos mais velhos, o Teatro Português, rico de tradições e glórias, nossos mestres do passado, souberam reconhecer, prestigiar, amparar, incentivar o trabalho destes seus irmãos mais jovens. O público nos recebeu de braços abertos. A crítica, severa e justa, premiou nossa dedicação, nossa vontade, nosso esforço. Inauguramos uma nova Era, uma nova fase nas relações culturais entre os teatros do Brasil e de Portugal, restabelecendo uma aliança e um intercambio indispensáveis aos dois povos, que as circunstâncias haviam interrompido.

Ao voltarmos para o Brasil, nosso unico pensamento, nossa unica ambição era cumprir a promessa feita a nós mesmo [sic]: retornar, um dia, ao país hospitaleiro e pródigo, que nos recebera como irmãos, como filhos.

Hoje estamos de volta. A nossa companhia talvez não seja inteiramente a mesma. Temos novos artistas, novos colaboradores. Mas é sempre o mesmo “Teatro Popular de Arte”, com Maria Della Costa à frente, nós todos batalhando pelo mesmo ideal, com o mesmo espirito de luta. Soubemos preservar o nosso ideal, o mesmo ideal que norteou, faz tantos anos, a fundação desta companhia, já veterana, com mais dez anos de existencia.

Estamos procurando fazer um autentico teatro brasileiro representando peças brasileiras, explorando temas brasileiros, falando nossa linguagem brasileira, utilizando autores, directores, ensaiadores, artistas e tecnicos brasileiros.

Este nosso espectáculo foi montado para levar para além do horizonte do nosso país, o nosso teatro, nossos problemas, nossas realidades, nossas esperanças.

Como pioneiros, que sempre nos orgulhamos de ser, pretendemos levar o nosso «Gimba», aos publicos de Portugal, da Espanha [sic], da França, da Itália, de todo mundo, sem limitações de fronteiras e cortinas.

Partimos do Brasil, vale a pena dizer, com um elenco de primeiras figuras do teatro de declamação, um conjunto folclorico que é mais que uma simples Escola de Samba, um jovem e já consagrado autor, o mais representativo director da nova geração. Uma imensa tonelada de material técnico e cenográfico. Um mundo de esperanças em nosso coração. Nenhum dinheiro dos cofres publicos, nenhuma subvenção.

«Gimba» viaja por conta própria, por conta exclusiva do Teatro Popular de Arte, que deu um teatro moderno e funcional para S. Paulo; percorreu todos os Estados do Brasil; levou o Teatro Brasileiro, como autentico pioneiro, aos palcos de outras republicas da América do Sul; e, pela primeira vez vem à Europa, sem gosar [sic] patrocínios ou auxílios oficiais.

Escolhemos nosso querido Portugal, para o batismo internacional de «Gimba», como pagamento de uma divida de gratidão. Aqui teve o «Teatro Popular de Arte», o seu baptismo internacional. Aqui fomos bem recebidos e bem compreendidos. Daqui levamos imorredouras saudades e deixamos nosso coração.

Já desapareceu o Teatro APOLO, onde realizamos [sic] a nossa primeira temporada. Mas, cheios de satisfação, estamos hoje inaugurando um novo teatro. Um teatro que ficará para os artistas portugueses, quando formos embora, na nossa caminhada por outros palcos do mundo.

Na conquista deste novo teatro para Lisboa e para Portugal, será de justiça mencionar, com os nossos agradecimentos, dois nomes.

Em primeiro lugar, este verdadeiro cavalheiro que é o Dr. Campos Figueira, que nos cedendo o Capitólio, permitiu a vinda do Teatro Popular de Arte para a sua segunda – e não última – temporada em Lisboa. E o do nosso amigo Artur Duarte, que estabeleceu os primeiros contactos entre nossa organização [sic] e o proprietário desta magnífica casa de espectáculos.

Acho que já dissemos tudo.

Para terminar, pedimos emprestados ao Poeta, e repetimos, com humildade, com sinceridade, com o coração;

Aqui estamos, Portugal

Para dizer-te o quanto

Os brasileiros de [sic] amam.”

Theatro Apollo

Preços ordinarios dos logares

<p>Friza 1 e 8 3\$500</p> <p> " 2, 4, 5, 6, 7 2\$500</p> <p>Camar. 1.º ordem, 28 3\$500</p> <p>Camar. 1.º ordem, frente 4\$000</p> <p>Camar. 1.º ordem, angra 3\$500</p> <p>Camarotes 1.º ordem, lado 3\$000</p> <p>Camar. 2.ª ordem, 29 e 43 2\$500</p> <p>Camar. 2.ª ordem frente 2\$500</p> <p>Camarotes 2.ª ordem lado 2\$000</p>	<p>Camar. 3.ª ordem frente 1\$800</p> <p>Camar. 3.ª ordem angra 1\$500</p> <p>Camarotes 3.ª ordem lado 1\$200</p> <p>Fauteuils d'orchestra 1\$000</p> <p>Fauteuils 800</p> <p>Fauteuils 700</p> <p>Cadeiras 600</p> <p>Geral frente 400</p> <p> " 300</p>
--	--

Acresce 20 réis do imposto do sello, por pessoa

EDIFICIOS E MONUMENTOS A VISITAR EM LISBOA

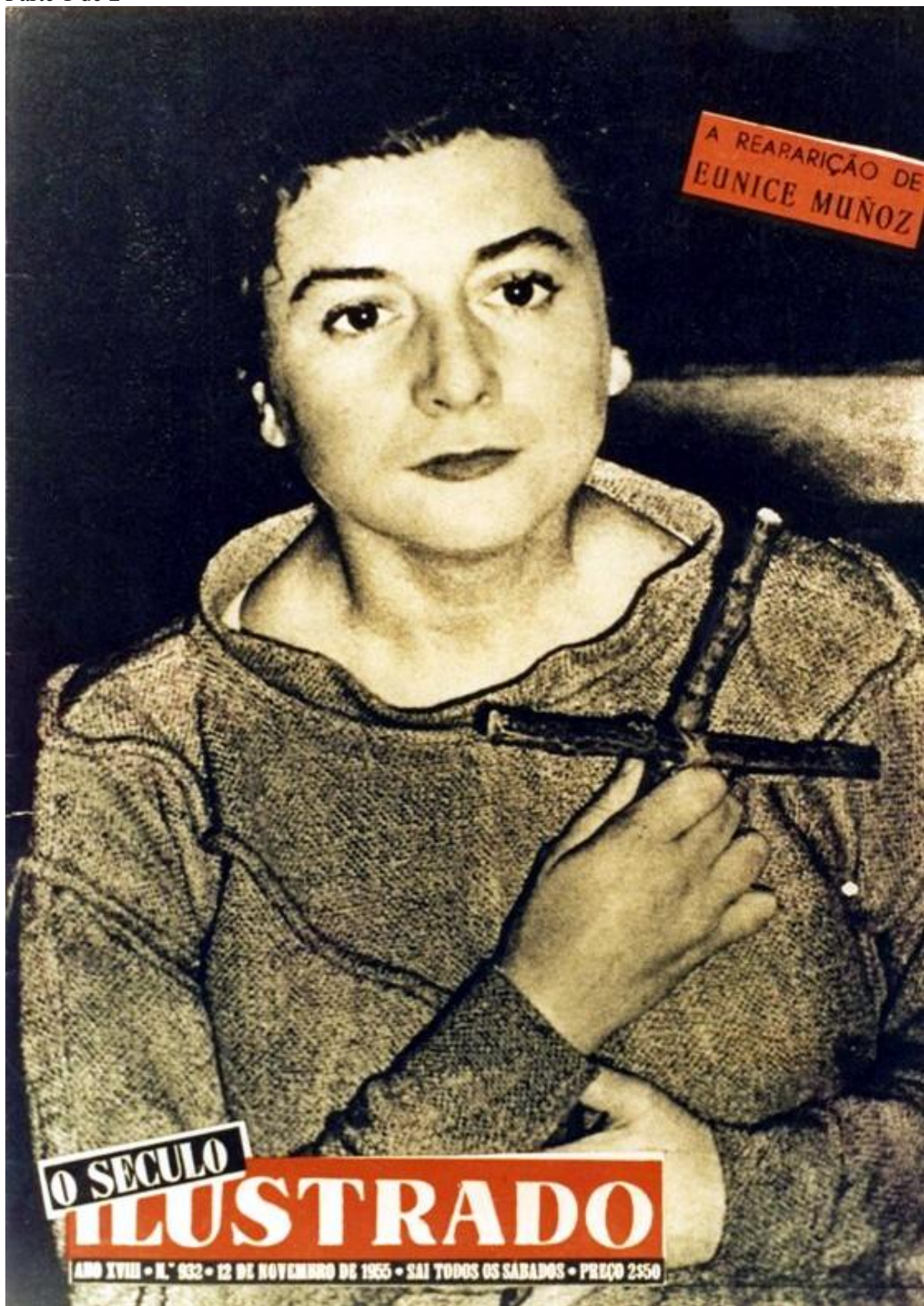
Pantheons

Jeronymos (*Praça de D. Vasco da Gama*) Onde se encontram os restos de Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Camões, João de Deus e Vasco da Gama.

S. Vicente (*Largo de S. Vicente*) No claustro da igreja de S. Vicente existe o pantheon, que, com a devida venia pode ser visitado.

241. MNT TEATRO 113178

ANEXO 59 – Eunice Muñoz em *Joana d’Arc* 1 (Museu Nacional do Teatro – MNT 177967)
Parte 1 de 2





TEATRO

O CANTO DA COTOVIA, de *Jean Anouilh*.
A DESCONHECIDA, de *Luigi Pirandello*. CASTRO, de *António Ferreira*.

Este último mês ofereceu-nos em Lisboa uma peça já vista entre nós, «O canto da cotovia» pela companhia de Della Costa, «A desconhecida» pela companhia de Vasco Morgado e mais uma produção da «Castro» no D. Maria.

Como comentário primeiro diremos que a impressão geral é desfavorável com excepção para a encenação brasileira e para a primeira figura feminina da peça de Pirandello.

A análise da peça de Anouilh já foi feita por nós no n.º 146 desta mesma revista a quando da encenação de Virgílio Macieira. Faremos agora apenas o confronto das duas encenações ao que, naturalmente, não nos podemos furtar.

Principiaremos por confessar que a produção de Sandro Polónio nos agradou mais em todos os sentidos. A companhia brasileira é um conjunto exemplar que embora conte com bons valores individuais, todavia não os explora, não vive deles, e nos apresenta uma interpretação homogénea, toda de bom nível, sem que a figura central, a cargo dessa esplêndida actriz que é Della Costa, se desnivele tão flagrantemente de todo o resto como sucedeu no ano passado no Avenida. A peça de Anouilh no Avenida foi apenas a Eunice Muñoz, no Apolo foi Anouilh, Sandro, Della Costa, o Teatro Popular de Arte, todo em conjunto de autor, encenador e intérpretes. A encenação de Virgílio Macieira foi, diremos, no sentido horizontal, em largura, a de Sandro foi na vertical, em altura e positivamente mais adequada. Melhor cenografia, praticáveis melhor aproveitados, marcações mais perfeitas e intencionais. De salientar a posição envolvente dos juizes. Só a cena da prisão

nos agradou mais na encenação portuguesa. Lamentamos que a companhia de Della Costa tenha cortado a cena de La Hire, tão importante para a elucidação das relações de Joana com os seus soldados, e que permitiu a Eunice Muñoz esse apontamento inolvidável do passeio a cavalo. Nós que vimos no Brasil a montagem da «Ralé» de Gorki pelo Teatro Brasileiro de Comédia sob a orientação de Ziembinski e que o vimos ensaiar os seus actores e as suas luzes, não deixaremos de assinalar agora quanto Sandro e Della Costa devem ter aproveitado ao colaborarem com ele, quer em interpretação, quer em luminotécnica. De facto, na cena final que é um prodígio de iluminação e de marcações — a transformação das arcaadas góticas em vitrais da catedral é extraordinária! — não pudemos deixar de nos recordar dos processos de Ziembinski e basta essa recordação para logo a montagem ser valorizada.

Quanto à interpretação de Joana diremos que Della Costa e Eunice Muñoz são duas actrizes completas. Duas interpretações diferentes. Temos portanto de tomar partido por uma. Preferimos a de Eunice o que não quer dizer que Della Costa vá mal ou tenha uma concepção errada da pastora. Della Costa foi mais humana, mais mulher, mais condutora de exércitos, mais terrena, Eunice foi mais supraterrana, mais mística, mais iluminada. Ambas estiveram certas. Della Costa é mais actriz, Eunice tem mais temperamento, mais emoção, menos frieza, é menos mecânica.

Estes confrontos que há muito defendemos, com mais frequência e menos espaços, são salutareos para o nosso teatro e úteis para a crítica, os actores, encenadores e para o público.

A montagem de Virgílio Macieira no Teatro Avenida só confirma o que anteriormente dissemos. As nossas companhias pro-

donais vivem quase exclusivamente de va-
riáveis individuais. Explora-se um actor ou uma
atriz e o público tem vindo ingenuamente
a aplaudir Alves da Cunha ou uma Eunice
Muñoz. Agora foi ver novamente Eunice
Muñoz. Nada mais viu. «A desconhecida»
é Eunice e só Eunice. A peça aliás é tão
boa que só se justifica a sua montagem para
mostrar as possibilidades duma actriz. O
trabalho é porém um trabalho de colabora-
ção de conjunto e é um «team» que se apre-
senta não uma actriz. A peça de Pirandello
é um chorrilho de futilidades, de banalida-
des, um conflito tão insípido, tão enosso,
que nunca consegue prender ou interessar o
espectador. Não se compreende que um
grupo subsidiado pelo Estado e que
portanto tem ou devia ter uma missão espe-
cial escolha para seu repertório uma peça
desta. A encenação, desde a iluminação à
cenografia, as marcações, as interpretações,
é um rame-rame tão cansativo, uma roti-
neira tão medíocre, que de nada aproveita
o teatro português que necessita de sangue
novo, algo que o arranque da monotonia
monótona, encenações ousadas e experi-
mentais, processos novos e arrojados que o
vivaquiquem e revigorem. Assim não se passa
a cepa torta! E mesmo no meio dessa
rotineira os erros por vezes são tão crassos,
que de facto não pode haver mais condes-
cendência. Ilumina-se despropositadamente
o actor ou aquele actor, a belo prazer do ence-
nador (ou «pour épater»?) como na cena da
queda de Eunice ou na cena em que se senta
no maple. Iluminam-se cenários errada-
mente e com mau gosto, como no primeiro
acto com um projector vermelho sobre o
plano de fundo e que ilumina a porta inter-
ior quando se abre. Um projector verde
(ficava bonito visto que o outro era verme-
lho!) no 2.º acto, que projecta sobre o cená-
rio a figura de quem sobe uns degraus que
têm de acesso à cena! Etc.!.... Qual-
quer espírito um pouco observador dava
pelos gatos. No meio de toda aquela miséria
erganta-se mais uma vez a actriz Eunice

Muñoz que foi a única que prendeu o
público. A sua interpretação é esplêndida
e só foi prejudicada por todo o resto. A má
peça de Pirandello valoriza-se com ela. Ela
é hoje, dizemo-lo agora, a nossa maior actriz.
Muito razoável também a interpretação de
Brunilde Júdice

No D. Maria, então, com a primeira
companhia nacional, a coisa deixa de ser
uma lástima e passa a ser uma vergonha.
Sim, uma vergonha! Uma vergonha para
o teatro português, uma vergonha para os
actores e uma vergonha para nós especta-
dores que temos alguma sensibilidade e res-
peitamos muito os bons textos da nossa
literatura poética.

A encenação que vimos de «Castro», por
Amélia Rey-Colaço e Robles Monteiro, atin-
giu alguns matizes de certo nível que que-
remos referir em primeiro lugar para que se
não julgue que exageramos ou pretendemos
apenas destruir. Três coisas houve que nos
agradaram bastante: a cenografia, pesada e
imponente, como convinha à tragédia, seis
colunas altas e magestosas, no 3.º acto com
uma janela envidraçada, ao centro, de muito
boa realização e bom gosto; a iluminação
muito acertada e bem executada; e por úl-
timo umas marcações muito certinhas e
muito claras, à excepção do coro que coreo-
gráficamente foi muito mal aproveitado.
Fruto de longa experiência com um conjunto
que tem continuidade de trabalho. Salien-
tamos ainda uma interpretação com certa
garra de Mariana Rey Monteiro. Gostámos
ainda escapatòriamente de ouvir dizer, no
meio de toda aquela algaraviada, Carlos
Wallenstein e o corifeu do coro das moças de
Coimbra. Quanto ao resto, santo Deus!
Nunca julgámos ser possível dizer tão mal.
Os actores do D. Maria não sabem dizer!
Pobre António Ferreira! Dicção empastada,
gaguejada, entrecortada, sibilada, inexpressiva,
bufada, arfada. Uma coisa pavorosa!
O secretário, a Ama, Diogo L. Pacheco, Ál-
varo Gonçalves, o Mensageiro, todos uma des-
graça de dicção. O coro quase sempre inex-

Vértice
Junho 1957
p. 351

pressivo, sem se terem aproveitado as nuances ricas da nossa língua nas exclamações de dor e de espanto e de tudo o mais. Sempre monótono precisamente por falta de maleabilidade de articulação. Demasiado estático. Contudo certo, segundo o que foi ensaiado. Raul de Carvalho, no *Infante*, de dicção péssima, sem sentir ou procurar exprimir o sentido do texto. Totalmente desenraizado do papel, com uma exuberância de gestos ridícula e despropositada. Nunca vimos braço direito que abanasse tanto e tanto soco desse no peito. Braços ao alto, braços abaixo, ao lado, atrás !... Já se não representa assim... Representou-se assim alguma vez ? !... Robles Monteiro então excede todos os outros. Se o público tivesse um pouco de consideração por si próprio, e nisso é também culpado, ter-se-ia rido alto e em bom som ou tê-lo-ia pura e simplesmente pateado. Porque não pateiam as plateias portuguesas ? Ignorân-

cia ? Medo da polícia ? Vergonha e timidez ? Em suma, Robles Monteiro passou desajeitadamente pelo palco a sua figura desajeitada e foi grugulejando dum lado para o outro uns versos belos dum grande poeta que naquela noite se revolveu por certo na sua pobre campa térrea.

Parafraseando o conhecido pensamento do dramaturgo irlandês e para concluir, diremos com ele que se fossemos a qualquer terra de qualquer parte de Portugal e pegássemos em vinte homens do povo ao acaso, encontraríamos pelo menos dez que depois de bem ensinados diriam melhor, articulariam melhor, viveriam mais profundamente, sentiriam mais os versos belos da tragédia admirável que é a «Castro», obra incomparável da nossa literatura poético-dramática.

Coimbra, 25 de Abril.

Mário Vilaça

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÕES — Divisão de Diversões Públicas

Folha de informação rubricada sob o n.º 2

do processo n.º 7406-54

(a.)

Senhor Diretor:

Tendo recebido por despacho a peça intitulada L'Alouette de Jean Anouilh, em 2 atos, na tradução de Mario da Silva e Renato Alvim, para fins de leitura e apreciação de censura previa, cabe-me informar que após rigorosa leitura do texto, marquei ensaio geral para o dia 27, às 21 horas.

Assim sendo, compareci pessoalmente ao Teatro Maria Pella Costa, á rua Paim, seguindo-se na hora aprazada o ensaio geral, que prolongou-se até as 5 horas da madrugada, dentro do mais perfeito sentido de conduta ética e na mais perfeita ordem.

Pelo o que me foi dado a observar no decorrer de "O Canto da Cotovia", não só pela elevação do conteúdo literário, não só pela acurada escolha de tipos, perfeitamente harmonizados com os respectivos personagens, numa organizada marcação cénica; dentro de perfeito equilíbrio de cores e luzes afinadas, colocam os interpretes, embora exaustos pela continuidade dos ensaios, num plano de absoluta superação teatral, distinguindo de maneira eloquente a ordem comum das boas representações.

Apresentando, pois, um teatro de vanguarda, cujo desenrolar mantém um ritmo crescente e vigoroso, não se justificou qualquer corte, embora pela simples leitura houvesse este Censor, feito ponderações e anotações, para fins de orientação durante o ensaio.

Somente se justifica a impropriedade para menores de 18 anos de idade, e isso, por razões especiais que se justificam no seu conteúdo dramático e altamente persuassivo.

Assim sendo, confessa este Censor a sua impressão das mais lijongieras a capacidade creadora de Sandro e Maria Pella Costa segundada pela sua equipe de coadjuvantes, em procurarem dar a S. Paulo e ao Brasil, num carinho digno de nota e registro, um teatro dentro da sua mais legitima manifestação e conteúdo de arte pura.

Que sirva de exemplo e encorajamento a todos aqueles que pretendam revalorizar o nosso meio artistico.

Este é o meu parecer, subindo á consideração de V.S., para os devidos fins.

S. Paulo, 28 de outubro de 1954.

Liz Monteiro
Liz Monteiro censor teatral

TEATRO * CIRCO * MÚSICA PORTUGUESES NO MUNDO

TEATRO APOLO

T — *O CANTO DA COTOVIA*
 C — maiores de 17 anos
 G — drama
 A — Jean Anouilh
 Ep — Erico Braga
 D — 2 a 9 de Abril
 N — 8 sessões

COLISEU DOS RECREIOS

T — *CANÇÕES E DANÇAS POPULARES DE ESPANHA*
 C — maiores de 12 anos
 D — 1 a 7 de Abril
 N — 8 sessões

T — *CAMPANAS DE VIENA*
 C — maiores de 17 anos
 D — 20 a 30 de Abril
 N — 24 sessões

TEATRO MARIA VITÓRIA

T — *TOCA A MÚSICA*
 C — maiores de 17 anos
 G — revista
 Ep — Eugénio Salvador-Rui Martins, Ld.
 D — 1 a 30 de Abril
 N — 61 sessões

TEATRO A B C

T — *JÁ CÁ CANTA*
 C — maiores de 17 anos
 G — revista
 A — Fernando Santos, Eduardo Damas, João de Vasconcelos e Manuel Paião
 Ep — Sociedade Artística ABC
 D — 1 a 21 de Abril
 N — 41 sessões

TEATRO MONUMENTAL

T — *QUANDO ELAS SE ENCONTRAM*
 C — maiores de 17 anos
 G — comédia
 A — Vítor Ruiz Iriarte
 Ep — Vasco Morgado
 D — 11 a 30 de Abril
 N — 21 sessões

TEATRO VARIEDADES

T — *HA HORAS FELIZES*
 C — maiores de 17 anos
 G — revista
 A — José Galhardo, Nelson de Barros e Carlos Lopes
 Ep — Empresa Artística de Espectáculos, Lda.
 D — 11 a 30 de Abril
 N — 42 sessões

TEATRO SÁ DA BANDEIRA PORTO

T — *A 8.ª MULHER DO MILIONARIO*
 C — maiores de 17 anos
 G — comédia
 A — Alfred Savoir
 Td — Carlos Wallenstein
 Ep — Vasco Morgado
 D — 1 a 7 de Abril
 N — 8 sessões

T — *MORAL EM CONCORDATA*
 C — maiores de 17 anos
 G — drama
 A — Abílio Pereira de Almeida
 Ep — Empresa Erico Braga
 D — 12 a 21 de Abril
 N — 13 sessões

T — *O CANTO DA COTOVIA*
 C — maiores de 17 anos
 G — drama
 A — Jean Anouilh
 Ep — Erico Braga
 D — 23 a 25 de Abril
 N — 3 sessões

T — *MANEQUIM*
 C — maiores de 17 anos
 G — comédia
 A — Henrique Pogetti
 Ep — Erico Braga
 D — 26 a 28 de Abril
 N — 5 sessões

T — *ROSA TATUADA*
 C — maiores de 17 anos
 G — drama
 A — Tenesse Williams
 Ep — Erico Braga
 D — 30 de Abril
 N — 1 sessão

O bailarino Luís Bernardo em França

A imprensa especializada de França tem sublinhado com frequência a actuação do bailarino português Luís Bernardo, no palco do Teatro Alhambra, de Paris, lado a lado com Zizi Jeanmaire que há anos se apresentou em Lisboa, integrada nos «Ballets des Champs Elysées».

Luís Bernardo começou a estudar baile com Margarida de Abreu, passando depois para o Circulo de Iniciação Coreográfica. Depois de contratado durante duas épocas pelos «Bailados do Verde Gaio», do S. N. I., resolveu tentar a sorte em Paris. Continuou a estudar com Nora Kiss, Preobajenska e com o americano Donald. Observado por Roland Petit, facilmente deu entrada na sua companhia, onde actualmente figura com grande relevo.

Merece notar-se o facto de o Circulo de Iniciação Coreográfica ter já proporcionado a companhias estrangeiras vários artistas portugueses, entre os quais Ana Maria, Luísa Vitorino, Ricardo Lobão, e, agora, Luís Bernardo.

Pianista português premiado

Foi atribuído ao pianista português Varela Cid e à brasileira Daisy de Luca o Prémio Internacional Madga Tagliaferro (piano).

Música portuguesa no Festival de Rennes

Constituiu um êxito retumbante a exibição do Grupo Folclórico de Santa Marta de Portugal no Festival Internacional de Folclore, realizado em Rennes.

Neste certame, a que concorreram grupos de dezoito nações, o nosso Folclore, entusiasticamente aplaudido pelo público, soube colocar-se em alto plano de evidência, tendo-se a sua estreia revestido de um raro brilho.

Os membros deste grupo seguiram de avião para Zurique.



Um nome é suficiente. Uma mulher é bastante
ANITA EKBERG
Para anunciar a história mais violenta que já foi vivida num recanto perdido do mundo!
REGRESSO DA ETERNIDADE
 COM ROBERT RYAN e ROD STEIGER *17anos*





Teatro

RESOLUÇÕES DO I CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE TEATRO

De acordo com as resoluções do I Congresso Brasileiro de Ensino de Teatro, ficou estabelecida «a uniformização do nome dos estabelecimentos de ensino de teatro aprovando-se a designação de «Escolas de Teatro» para aqueles que mantêm, no mínimo dois cursos, além do Curso de Actor». A Fundação Brasileira de Teatro, declarou que, a partir do presente ano lectivo, a sua Academia de Teatro passará a denominar-se «Escola de Teatro».

SUBSÍDIOS DO FUNDO DE TEATRO PARA A TEMPORADA DE 1959-60

O sr. ministro da Presidência, pelo seu despacho datado de 3 de Outubro, concordou com as conclusões do parecer que o Conselho de Teatro submeteu à sua apreciação, acerca do processo do concurso para a concessão de subsídios, pelas disponibilidades do Fundo de Teatro, a empresas que explorem espectáculos de teatro declamado durante o ano teatral de 1959-1960.

De acordo com o referido despacho foram subsidiadas as seguintes companhias

a) Teatro Nacional Popular, organizada pelo empresário teatral sr. Francisco Ribeiro; b) Teatro Experimental do Porto, organizada pelo Círculo de Cultura Teatral, e c) Teatro de Gerifalto, organizada pelo empresário teatral sr. António Manuel Couto Viana, para a exploração de espectáculos de teatro infantil.

Pelo empresário da companhia do Teatro Nacional Popular serão realizados espectáculos especiais, à tarde denominados «Sábados do estudante» e «Quinta-feira do trabalhador», com a redução de 70 % no preço de custo de bilheteira ou preços especiais para estas classes de público.

Pela empresa da companhia do Teatro Experimental do Porto serão concedidos

NOVE TEATROS A FUNCIONAR EM LISBOA

Há muitos anos que se não registava semelhante «record». Em fins de Outubro ou princípios de Novembro estarão a funcionar em Lisboa nada menos do que nove teatros: D. Maria, Monumental, Trindade, Avenida, Maria Vitória, Variedades, e ABC e ainda os «novos» teatros Tivoli e Capitólio, os últimos dos quais com companhias brasileiras. Com o circo em pleno funcionamento, restituído à sua verdadeira função — serão dez os cartazes a chamar as atenções de Lisboa. O fenómeno não é fruto do acaso. Há que interpretá-lo como consequência do renascimento do gosto pelo Teatro, já verificado nas grandes capitais e que agora começa a desenhar-se e a ganhar em Lisboa contornos cada vez mais nitidos.

Também no que se refere a actuação de companhias estrangeiras a época presente dispõe-se a bater todos os records. Em Outubro, tivemos quase simultaneamente, as temporadas dos agrupamentos brasileiros de Maria Della Costa e Cacilda Becker e da companhia espanhola Lope de Vega. Sabe-se que virão ainda a Lisboa a «Comédies», Marcel Marceau e os seus artistas e, ao que se diz, haverá ainda outras surpresas...

Façamos votos por que o reconfortante sintoma que esta actividade representa se reafirme e que a época 1959-1960, que agora se anuncia, venha a ser assinalada com clamorosos êxitos comerciais e artísticos.

TRÊS TEATROS EM BRASÍLIA

Aldo Calvo acaba de assinar contrato para projectar a parte técnica de três teatros em Brasília. O arquitecto Oscar Niemeyer, responsável pelas construções da futura capital, deu a Aldo Calvo a mais ampla liberdade para conceber casas de espectáculos audaciosas, que devam aproveitar as mais recentes técnicas na edificação de teatros.

bilhetes para filiados da Mocidade Portuguesa e da F. N. A. T.

Continuará a constituir obrigação do empresário da companhia do Teatro do Gerifalto a cedência de bilhetes ao Instituto de Assistência a Menores e à Mocidade Portuguesa.

CINCO COMPANHIAS FRANCESAS EM LISBOA?

Fala-se na vinda a Portugal, no decurso da presente temporada, de cinco companhias francesas. Lisboa teria assim ensejo de ver, entre outras, grandes figuras como Edwige Feuillère, Danièle Delorme, Pierre Brasseur, Pierre Dux, etc.

O NOVO TEATRO DE ARENA DA FACULDADE DE ARQUITECTURA DO BRASIL

Enquanto o director da escola, Prof. Raimundo Barbosa de Carvalho Neto, está financiando e construindo a obra, o Reitor da Universidade do Brasil, Prof. Pedro Calmon, está escrevendo um monólogo para o dia da inauguração do Teatro de Arena da Faculdade Nacional de Arquitectura. Com um apoio tão positivo, a iniciativa sonhada há longo tempo pelo Directório Académico da escola está, agora, a concretizar-se e em breve o Rio de Janeiro contará com um novo teatro permanente e de vanguarda, o primeiro, aliás, no seu género, construído no Brasil.

As arquibancadas, em número de cinco do Teatro de Arena da F. N. A., têm capacidade para 300 pessoas. Todavia, o aproveitamento das arcadas do pátio onde o teatro está sendo construído, em forma de ferradura, e das janelas do segundo pavimento, aumenta essa capacidade para cerca de 800 pessoas. As arcadas serão transformadas em camarotes e as janelas em frisas. O projecto definitivo do teatro é do arquitecto Arquimedes Memória, catedrático de Grandes Composições, enquanto a ilumi-

(Conclui na pág. 8)

ESPECTÁCULOS

Página de Rodrigues Piteira

NO CAPITÓLIO

«GIMBA», PELO TEATRO POPULAR DE ARTE DO BRASIL

Após dois anos de ausência de palcos portugueses, temos de novo entre nós a companhia de Teatro Popular de Arte do Brasil, dirigida por Sandro Polónio e à frente da qual se encontra a talentosa actriz Maria Della Costa. Pouco depois desta companhia ter actuado, com assinalado êxito no «Apolo», este teatro foi demolido. Agora, foi o cinema «Capitório» que recebeu importantes obras de beneficiação e «virou» a teatro, precisamente para apresentação do Teatro Popular de Arte do Brasil. Para início da temporada que se propõe efectuar em Portu-

dos Valentines», traduz denuncia arrojada, sem reticências nem artificios, de como o crime nasce e germina, nesses bairros de lata, onde impera a miséria social e moral. A sua localização, tanto pode ser no Brasil, como noutra país. O público tem, naturalmente, que sentir a presença da mensagem desta peça que se desenrola, por vezes, em ritmo arrastado, mas que se compreende ser intencional. Não foi esquecido o folclore e para isso se encarregou e com agrado geral, uma «escola de samba» que apenas pecou por estar teatralizada.



A companhia do Teatro Popular de Arte do Brasil agradece os aplausos com que o público a distinguiu, no final da representação de «Gimba, Presidente dos Valentines».

gal, o T.P.A.B. levou à cena a peça do jovem dramaturgo brasileiro Gianfrancesco Guarnieri, «Gimba, Presidente dos Valentines».

Guarnieri que com «Eles não usam blacktie», causou sensação como autor, que fazia a sua estreia, e que, no «Teatro de Arena de S. Paulo», teve esta sua primeira peça um ano no cartaz, conquistando o prémio «Sassi», destinado ao melhor autor de 1958, o prémio «Governador do Estado de S. Paulo», para a mesma categoria, e ainda o prémio «Associação Paulista dos Críticos Teatrais», destinado ao autor revelação do mesmo ano. «Gimba» é, sem dúvida, outro triunfo pelas suas características arrojadas, pela posição que terá de ocupar na dramaturgia moderna. Com uma sinceridade e fidelidade flagrante, Gianfrancesco Guarnieri procurou e conseguiu retratar o drama de uma das «favelas» cariocas. Transportou-nos ao morro e deu-nos a conhecer com verdade, a vida dessas «favelas» de negros, mulatos e... de brancos. Tema vigoroso e actual, «Gimba, Presidente

Flávio Rangel, outro prometedo valor do moderno teatro brasileiro, encarregou-se da encenação que merece classificação elevada. O cenário de Tullio Costa Giovangigli, impressiona pela perfeita visão que nos oferece do morro. A interpretação bastante equilibrada — Maria Della Costa no papel da «Guiô», Sebastião Campos em «Gimba», Ilma de Castro, Sadi Cabral, Oswaldo Louzada, Benjamim Cattán, Eugénio Kusnet, Ruthinéa de Moraes e Altamiro Martins, formaram uma boa equipa, que se destacou, pela sua homogeneidade. Referência especial, para a pequena Celeste Lima que, apesar da sua pouca idade, venceu com brilho, todas as dificuldades do papel, conquistando a admiração do público.

Autor e encenador intervieram no desempenho com acerto. Aqui fica uma nota curiosa, digna de registo. Há que assinalar com aplauso, esta volta a Lisboa do Teatro Popular de Arte do Brasil que acaba de nos dar um espectáculo de muito interesse e com elevado nível.

Teatro

A TEMPORADA TEATRAL

O início desta nova temporada teatral apresentou-se efervescente, movimentado, discutidíssimo, embora mais fecundo em promessas do que propriamente em realizações notáveis. De certa maneira mesmo, alguma coisa se retrocedeu em relação ao fim da temporada passada. Cacilda Becker, Maria Della Costa e *Gimba*, a companhia do Vieux Colombier, *O Lugre*, *A Gata no Telhado de Zinco Quente*, *Lucy Crown*. Em número, não está nada mal. Vejamos quanto à qualidade.

Portugal descobriu o teatro brasileiro e ainda bem, muito pode aproveitar com isso. No ano passado, tivemos Luís de Lima, este ano, as companhias de Cacilda Becker e Maria Della Costa. Falemos primeiro de Cacilda Becker, até por causa das afinidades que a ligam a Luís de Lima que já conhecíamos. Afinidades de processos, de estilo de representação e, sobretudo, de formação técnica no que diz respeito aos actores. Não vimos o *Auto da Compadecida* e lamentamo-lo pelo que nos tem sido dito e ainda porque, deste modo, a nossa apreciação da Companhia se acha limitada. *Protocolo* e *Botafogo* são duas peças sem importância e uma substância teatral reduzidíssima mas que permitem, em especial a segunda, pôr nitidamente à prova os recursos virtuosísticos dos actores. Neste sentido, o espectáculo foi um triunfo. Executantes muito correctos, impecáveis no caso de Cacilda Becker e de Kleber Macedo, com um estilo de representação bem definido e sem compromissos nem eclectismos; com um domínio do corpo apurado e uma formação sólida, todos estiveram perfeitamente à altura do que havia a esperar de tais peças. Mas no espectáculo seguinte já não se passou o mesmo. *A Maria Stuart* de Schiller exige uma capacidade interpretativa que faltou à companhia e, acima de tudo, põe em jogo concepções teatrais complexas, necessitando uma encenação em profundidade que Ziembinski não conseguiu de maneira nenhuma. Tratava-se de interpretar uma peça já de si um pouco equívoca e de reanimá-la, rejuvenescê-la mesmo. Para tanto, o métier não bastava, e métier foi tudo o que pudemos observar na companhia de Cacilda Becker.

Nesse sentido porém, muito poderiam os nossos profissionais aprender com Cacilda Becker. Precisamente aquilo que mais falta faz ao teatro português é métier; a boa vontade mais veemente nada pode contra a incompetência e, onde o talento rareia, não é mau que comece, ao menos, a aparecer um pouco de preparação e de trabalho sério. Mas cuidado! Dissemos acima que o nosso teatro muito poderia aproveitar do seu contacto com o teatro brasileiro. Ressalvamos agora com a condição de ser ainda mais exigente do que pode ser com os espectáculos nacionais. Porque o teatro brasileiro, para espectadores desprevenidos e ingénuos como os portugueses são devido ao seu enimesmamento estético, oferece perigos enormes. É o caso da Companhia de Maria Della Costa que voltamos a ter em Lisboa depois duma ausência de dois anos.

Maria Della Costa é demasiadamente um espelho, embora polido, de bom material, do teatro português para que este possa ganhar alguma coisa no intercâmbio. Pelo contrário. Os nossos profissionais encontram na Companhia de Sandro Polônio a justificação dos seus erros e inútil será realçar o gravíssimo malentendido que daí pode resultar. O que se presencia no *Capitôlio* é, esteticamente, exactamente o mesmo que o que se passa nas cenas do *D. Maria* ou do *Monumental*, mas bem feito, com todos os cordelinhos, com o apoio duma técnica apurada e muito mais experiente — e é sem dúvida esse o perigo maior. Da peça com que Della Costa inaugurou a sua temporada, *Gimba* do brasileiro Guarnieri, muito pouco há a dizer. O texto não é mais do que um pretexto para o espectáculo, mas não no sentido em que o conceberia um Gordon Craig, entenda-se, não pelas suas virtualidades, mas justamente pelas suas lacunas, pelas suas imprecisões, pelos seus «apontamentos». A meio caminho entre a comédia de costumes e o drama psicológico; com importunas e demasiado simplistas pretensões a tragédia (a cena inicial é exemplo evidente do clima que se tentou imprimir à obra); recheada de «apontamentos» laterais satíricos ou so-

ciais, descabidos sempre e muitas vezes forçados, *Gimba* é uma peça sem unidade nem estilo, destinada apenas a permitir a «exibição» duma companhia de luxo, super-comercial, formada para servir as deformações do público e não para servir o teatro. Tudo, desde o dispositivo cénico à inutilidade dos «entremeses folclóricos», passando pelo uso injustificado do ciclorama e pela duração exagerada das cenas secundárias em paralelo com a escassez de desenvolvimento das cenas fundamentais, todas as coisas foram previstas para «distrair» o público, para «espanhá-lo» e prendê-lo no luxo dos portamentos, para defender a pobreza e o academismo do espectáculo. Academismo. É esta a qualificação exacta do estilo de representação. Sebastião Campos faz-nos pensar em João Quedes, Della Costa em Laura Alves, mas com mais preparação e mais prática. Um bom actor apenas em toda a companhia: Sadi Cabral. A mesma convicção superficial e desatenta de alunos do conservatório. Em resumo: «mediocridade de grande espectáculo».

Mas não foi só teatro brasileiro. Tivemos também entre nós a Companhia do Vieux-Colombier. É o segundo ano que o Tivoli traz a Lisboa uma companhia francesa e das duas vezes nos decepcio-



Cacilda Becker em «Pega Fogo»

Seara Nova

Novembro 1959
p. 363

nou na sua escolha (tantas companhias de primeira qualidade que há em França!). Desta vez, foi o Vieux-Colombier que se apresentou com *L'Otage* de Paul Claudel. Que distância entre o Claudel de *L'Otage* e o trágico autêntico de *O Sapato de Setim* ou de *Cristóvão Colombo!* *L'Otage* é uma peça desprovida, esquemática, como que uma lição de catecismo em forma de teatro; extremamente literária, monocórdica, dialética. Pouco se podia, pois, tirar deste texto e mesmo esse pouco foi demais para a Companhia. Aparte os cenários, tudo esteve errado, para já não falar na artificialidade quase escolar dos actores. Queremos ainda insistir no perigo que representa o contacto com o mau teatro estrangeiro, até porque é menos visível a sua pouca qualidade visto que a sua superioridade técnica tende a colocar desde início o público português numa atitude de respeito impeditiva de lucidez. Depois da *Comédie Française*, o Vieux-Colombier e *L'Otage* de Claudel. Já é azar!

Falemos agora das companhias nacionais. Vasco Morgado, continuando a aproveitar a colaboração de António Pedro que encenara *O Baile* já sem grandes resultados, apresentou no Monumental uma *Gata num Telhado de Zinco Quente* que faria corar de vergonha Tennessee Williams. É perante espectáculos como este que a função do crítico é dificultada ao máximo. Em boa verdade, que pode um crítico dizer dum espectáculo que nem merece uma crítica? Uma enumeração dos seus defeitos, erros, desonestidades, uma lista do que não deveria ter sido feito? Nem isso porque, no caso de a *Gata num Telhado de Zinco Quente* isso corresponderia pura e simplesmente a uma enumeração de todos os elementos do espectáculo, um por um, e pela ordem que se quisesse. É mesmo espantoso, inconcebível quase, o que António Pedro

pôde conseguir numa peça e dum elenco que, apesar de tudo, tem um nível satisfatório. Que uma Laura Alves fizesse uma «Gata de Praça da Figueira» não admira, era mesmo previsível. Quanto a João Guedes e à sua vacuidade, ao seu à-vontade de «menino-mal-criado», à sua estereotipia esmagadora, idem aspas. Mas, que dum actor bem dotado como Paulo Renato tenha saído uma actuação tão berrantemente artificial, tão falsa e forçada nos seus mínimos pormenores, que dum actriz excelente como é Brunilde Júdice tenha surgido uma personagem tão pouco adequada às exigências psicológicas do drama, que um actor como Rui de Carvalho, seguramente a melhor realidade da nova geração de actores, se tenha abastardado numa apresentação mais do que académica, isso não conseguimos explicar. De resto, eles não fizeram mais do que acompanhar o ritmo e a concepção da encenação. E que encenação! Nem o mais declarado amadorismo saberia justificar uma tal inconsciência, uma ignorância tão manifesta da técnica de cena, uma concepção estética tão primária, isto para não falar nas hesitações, nas soluções de continuidade, nas trucagens desnecessárias e, ainda por cima, completamente erradas. A sugestão cénica da trovoadas é o cúmulo do que afirmamos e só se compreende por uma tentativa de alardear capacidades que não existem. Nem a marcação, que não punha sequer problemas difíceis, escapa. Vai pelo palco um verdadeiro caos. Mas o público acorreu, o que além do mais, comprova em António Pedro a sua decidida vocação de encenador comercial.

Felizmente, ainda há alguns profissionais no nosso teatro. *Lucy Crown* é, sem dúvida nenhuma e apesar de todas as suas limitações, um espectáculo honesto e de indiscutível dignidade artística. A peça é bem resultada. Jean Pierre

Aumont conseguiu teatralizar eficazmente um romance que dificilmente suportaria uma versão cénica. E Francisco Ribeiro pôs esta adaptação em cena com a consciência profissional a que nos habituou, com um sentido apurado do métier, sem fugir ao trabalho árduo que era preciso. A encenação resultou extremamente coerente, sóbria sem nunca ser inexpressiva, justamente plasticizada e conduzida com um ritmo acertadíssimo. Desde a harmonização dos vários personagens até à marcação impecável, tudo nos convenceu da categoria profissional do T. N. P. Sem dúvida que Francisco Ribeiro teve a secundária-lo actores que, além do seu demonstrado valor individual, formam uma equipa na verdadeira acepção do termo. Assis Pacheco e Carmen Dolores, que têm criações invulgares, nunca prejudicam nem apagam o trabalho regular e correctíssimo de Canto e Castro, Armando Cortez, João Lourenço e Florbela Queiroz. Claro que há defeitos e bastantes: uma má sequência dos quadros, uma iluminação insuficiente, e alguns mais. Mas nenhum atenta contra o nível geral da encenação. Em resumo: um espectáculo sem alardes nem grandes «reussites», mas correcto, equilibrado e perfeitamente resolvido num plano profissional a que o nosso teatro não nos tem habituado.

Isto foi o princípio da temporada. O grande teatro do nosso tempo esteve ausente dos palcos lisboetas. Esperemos que Dezembro traga ao público português os grandes nomes do teatro actual em encenações que não os atraioem.

MANUEL GRANGEIO CRESPO

«O LUGRE»

A crítica à peça de Bernardo Santareno «O Lugre», levada à cena pelo Teatro Nacional, será publicada no nosso próximo número.

L i v r o s

«FOLHAS DE XISTO», contos de João de Araújo Correia

João de Araújo Correia, médico na Régua e prosador consagrado por altos espíritos — como Joaquim de Carvalho, Agostinho de Campos e Abel Salazar — publicou recentemente mais um livro de contos, ao qual deu o título: «Folhas de Xisto».

Neste livro se reafirmam as invulgares qualidades literárias que, há muitos anos, fizeram do autor um contista primoroso, pela maneira como foi criando e depurando, até à perfeição, um estilo muito pessoal, onde nunca deparei com influências, rico de vigor e pitoresco, mas sem europeus ou estridências, estilo que vem sendo, à maravilha, a matéria plástica com que tem moldado algumas dezenas de tipos, os mais variados e, por vezes, desconcertantes, que constituem expressiva galeria humana trabalhada pela sua observação e também pela veia imaginativa, provida de fantasia, que alterna entre o dramático e o satírico.

Com vocação natural para narrador, o Dr. João de Araújo Correia joga, admiravelmente, nas suas construções literárias, com os segredos da língua portu-

guesa e a sensibilidade que lhe permite, rapidamente, observar o rumor de vida que passa perto dos seus olhos e da sua alma — caudal de imagens, casos, figuras com os seus sonhos, vaidades, crimes, delírios, frustrações, inventário onde não falta ao escritor o documento humano. E quando o médico está presente na personalidade do escritor, este terá um valioso auxiliar que o ajuda a classificar e a interpretar as dores e as manhas dos títeres que se elevam ou arrastam na força e na tragédia humanas.

Os contos deste livro, como, dum modo geral, os dos livros anteriores do autor, são breves e dum extrema simplicidade, sem rebuscadas complexidades ou aparatosa filosofia, dando-nos a impressão de que ao escritor não apraz, ou não está na sua técnica literária, prolongar, com inúteis rodeios o que deve e pode ser directo e claro, fulminante na sua emotividade, ligeiramente gracioso no seu humor. Talvez mesmo que o tempo e a paciência lhe não sobrem para inventar artificiosos labirintos ou idílios devaneios, até porque a fatalidade que comanda as misérias e velhacarias humanas é como filão inesgotável sempre a solicitar a sua observação.

Mas desses pequenos e harmoniosos quadros, que são os seus contos, peças literárias cada uma com sua autonomia, mas ligadas pelo mesmo sentido humano e social, faz o autor, naturalmente, pequenas obras de arte, no forte e facetado

cristal da sua prosa onde assomam e transparecem, em esgares de demência, em cóleras e sarcasmos, em ridículas ou pomposas atitudes, os mais variados exemplares da fauna humana.

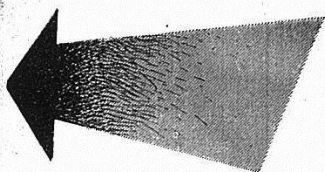
Uma boa parte de gente do Douro e arredores, com seus toques da paisagem própria e do ambiente tradicional e pitoresco de suas vilas e aldeias, está nas páginas deste escritor, desenhada com dignidade — a maior parte gente humilde, sofrendo o destino da sua miséria, outros, mais excêntricos e transviados, suportando o fardo de suas loucuras; no amor, nas vaidades e ambições. Os temas dos contos deste novo livro têm a mesma origem, com os seus traços poéticos na «História dum pastor», «A noiva do Mar», e «Pêlo no rosto»; a sua crítica satírica em «Um rapaz da Terra», o «Palacete encantado», e «O juiz substituído»; e seu espírito caricatural, em «Noite de Natal», «O chefe», «O tio Pádua» e «Noite de Fogo».

Quem quiser saber como o autor faz as suas composições e narrativas, leia o seu conto «Manhã Perdida», historietta dum pobre louco a quem morreu a mãe há muitos anos, mas que supõe que a tem viva e todas as noites vai à porta do quarto onde ela viveu e lhe pede a bênção...

É termino por onde comecei: um contista consagrado. Imprensa do Douro — Editora.

JULIÃO QUINTINHA

363



Notícias do Brasil

Reportagem de *Fernando Sylvan*
com fotos de *J. Tavares*

A presença entre nós, e pela segunda vez, do Teatro Popular de Arte do Brasil, é acontecimento de cultura de inegável valia. Esse conjunto magnífico dirigido por Sandro, nome conhecido e discutido em todos os centros de Teatro do mundo inteiro, traz a Portugal não só a lição da sua magnífica experiência, mas também a mensagem espiritual do Brasil. Com efeito, a nossa cidade de Lisboa, sempre tão simpática ao Brasil, torna-se meia brasileira com a presença de tantos, tão activos e tão bons artistas, e à frente dos quais se encontra o nome de Maria Della Costa prestigiado por uma carreira impressionante.

O repertório do Teatro Popular de Arte do Brasil é de categoria internacional, pois nele estão incluídos todos os grandes nomes do Brasil e de outros países. E se se disser que a interpretação desse Teatro está a cargo de Ilena de Castro, Izicena Nitsche, Joselita Alvarenga, Ruthinéa Moraes, Eugénio Altamiro Martins, Benjamin Cattán, (também assistente geral), Eugénio Kusnet, Osvaldo Louzada, Raúl Martins, Rubens Teixeira, Sadi Cabral e Sebastião Campos, além dos de Maria Della Costa e Sandro, fica-se com a certeza de um excepcional nível de interpretação.

O Teatro Popular de Arte do Brasil, a par de trazer altíssima mensagem da grande nação brasileira através da forma mais expressiva de comunicação, está também possibilitada, pela consciência que cada um de seus elementos tem da vida do seu país, a dar notícias do Brasil, notícias de coisas transcendentes e de coisas simples, notícias do homem da rua ou do político. O convívio com tal grupo é interessante e rico, e oferece as mais agradáveis nuances. E, contudo, todos eles vivem no palco, embora venham alguns pedaços à rua, para espreitar e auscultar. Por estarem sempre no palco sabem do ofício de representar como poucos; e por espreitarem e auscultarem sabem o pormenor da vida do seu povo. Por esta possibilidade de pela Arte transmitir a mensagem do Brasil e pelo convívio notícias de tudo e de nada é que Sandro e Maria Della Costa, e os elementos por si reunidos, têm sido e serão sempre grandes embaixadores do Brasil.

Nesta reportagem, pomos em directa comunicação com os leitores da «FLAMA» algumas actrizes e actores do Teatro Popular de Arte do Brasil, cada um deles através de três perguntas breves sobre os mais variados assuntos. Com nenhum deles falámos de Teatro.

BRASIL INDUSTRIAL

depoimento de

Rubens Teixeira



Ruthinéa Moraes

— Virá o Brasil a ser a maior potência industrial Sul-Americana?

— Da América do Sul o Brasil já é a maior potência industrial, pois não me consta que outro país esteja em melhor situação que o Brasil no sector industrial.

— Quais serão futuramente as maiores zonas industriais brasileiras?

— Em primeiro lugar o Estado de S. Paulo que já é uma grande zona industrial. A seguir, creio que os Estados centrais do Brasil tornar-se-ão as principais zonas, pela maior

A LITERATURA

no juízo de

Ruthinéa Moraes

— Quem é actualmente o escritor brasileiro jovem mais lido no Brasil?

— Fernando Sabino.

— Os escritores norte-americanos têm exercido grande influência na literatura brasileira?

— Embora bastante lidos os escritores norte-americanos, o Brasil criou uma literatura com clima, estilo, linguagem próprios. Basta ver as obras de Jorge Amado, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa (que são escritores modernos, brasileiríssimos). Também na dramaturgia existe um teatro autenticamente brasileiro, teatro de polémica e mensagem em que os escritores norte-americanos não exerceram qualquer influência. Alguns são já conhecidos em Portugal: Ariana Suassuma, Gianfrancesco Guarnieri, Abílio Pereira de Almeida, Nelson Rodrigues; outros, não: Jorge Andrade, Oduvaldo Vianna Filho, Roberto Freire, etc.

— São muito conhecidos, no Brasil, os actuais escritores europeus de mais nomeada?

— Basta dizer que o livro europeu tem o seu maior mercado da América do Sul no Brasil, prova sintomática inofismável da grande aceitação da literatura europeia.

A MULHER BRASILEIRA

na opinião de *Benjamin Cattán*

— Qual a característica mais evidente na mulher brasileira?

— A característica da mulher brasileira é, até disso. São brejeiras, graciosas... e espertinhas.

— A rapariga de hoje busca voluntariamente a emancipação, ou são as condições sociais que a forçam a isso?

— Ambas as situações fazem com que a mulher brasileira se emancipe. A luta pela vida e a crescente participação da mulher no trabalho, faz com que esta lute por direitos iguais aos dos homens. Não sei aonde isso irá parar, mas a luta é renhida.

— Costuma a mulher brasileira interessar-se verdadeiramente por política?

— Sim, porém indirectamente. O nosso custo de vida sobe tanto diariamente, que não há uma dona de casa que toda a manhã não solte uma pequena praga contra esse estado de coisas. Elas agora estão-se concentrando em forma de grupos, através de bairros, fazendo quase que um pequeno «municipalismo» cittadino.



Benjamin Cattán

sileira é, em primeiro lugar, ser mulher mesmo. E elas abusam



Rubens Teixeira

facilidade de matéria-prima, meios de transporte, etc.

— Para o desenvolvimento industrial do Brasil será indispensável o capital estrangeiro?

— Actualmente o Brasil está em grande evolução cultural, industrial, agrícola, e a ajuda do capital estrangeiro só virá beneficiar o maior desenvolvimento. Mais positivo e imediato. Portanto, tenho a certeza de que o capital estrangeiro virá contribuir decisivamente para o desenvolvimento industrial.

Maria Della Costa e os artistas do Teatro Popular de Arte à sua chegada a Lisboa

No início da nova temporada, Lisboa recebe a visita quase simultânea de duas prestigiosas companhias brasileiras: Maria della Costa-Sandro Polónio — que quando o presente número do Boletim vier a lume estará em plena actuação no Capitólio, e Cacilda Becker cuja estreia se anuncia para meados da segunda quinzena de Outubro no Tivoli.

Os artistas que Sandro Polónio trouxe a Lisboa constituem um total de 48, entre actores, cantores, bailarinos e músicos, fazendo parte da companhia de declamação alguns dos actores de maior nomeada actualmente no Brasil: Maria Della Costa, Sandro Polónio, Sebastião Coelho, Osvaldo Lousada, Illema de Castro, Sadi Cabral, Paulo de Castro, Altamiro Martins, Benjamim Cattán, Milton Moraes, Ruthinea Moraes, Celeste Lima, Eugénio Kusmet, etc.

Acompanham a companhia do Teatro Popular de Arte do Brasil o director teatral e encenador Flávio Rangel e o dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri, autor de «Gimba» e considerado a maior revelação da moderna dramaturga brasileira.

No Solar do Velho Porto e a convite de Sandro e Maria Della Costa, os artistas brasileiros reuniram-se com os seus colegas portugueses, jornalistas, críticos e outras personalidades ligadas ao meio teatral e a reunião foi muito concorrida e animada. Sandro Polónio começou os brindes, e seguiram-se-lhe, como oradores, os srs. Tomás Ribas, Rogério Paulo, Gianfrancesco Guarnieri (autor da peça de estreia); Flávio Rangel, Igrejas Caeiro, Benjamim Catan, actor da companhia, e o sr. dr. Campos Figueira de Gouveia, pelo Grémio dos Espectáculos, que sintetizou de forma expressiva, a importância e o interesse da reunião. Por fim, a eminente artista Palmira Bastos agradeceu, comovida, a manifestação que fizeram à sua chegada.

A COMPANHIA DE CACILDA BECKER APRESENTA-SE A 19 DE OUTUBRO

A convite do sr. Augusto de Lima Mayer, director do cinema Tivoli, reuniram-se no salão de festas daquela casa de espectáculos os representantes da Imprensa para ouvir uma exposição do sr. dr. Baena Soares, secretário da Embaixada do Brasil, a propósito da próxima visita a Portugal do Teatro Cacilda Becker, uma das mais prestigiosas com-



DUAS COMPANHIAS BRASILEIRAS EM LISBOA MARIA DELLA COSTA E CACILDA BECKER

panhias dramáticas do país irmão. Presidiu à reunião o embaixador dr. Lafayette de Andrada, encarregado de Negócios do Brasil.

Depois do embaixador dr. Lafayette de Andrada ter felicitado o Tivoli pela próxima apresentação da grande artista brasileira, o sr. dr. Baena Soares deu início à sua conferência, começando por assinalar a circunstância feliz de Lisboa poder assistir à actuação simultânea de duas das melhores companhias teatrais do seu país e que têm por titulares respectivamente Maria Della Costa e Cacilda Becker.

Depois de evocar o surto do moderno teatro brasileiro, e das circunstâncias felizes que o vitalizaram, o sr. dr. Baena Soares referiu os nomes dos artistas que se deslocam a Lisboa. Além de Cacilda Becker, veremos: Cella Helena, Cleide Yaconis, Kleber Macedo, Norma Greco, Benedito Corsi, Fredi Kleemann, Luís Tito, Paulo Rangel, Raul Cortés, Rubens Teixeira, Stenio Garcia e Walmor Chagas.

No repertório incluem-se as seguintes peças brasileiras:

«Auto da Compadecida» e «O Santo e a Porca», de Ariano Suassuna; «O Protocolo», de Machado de Assis; «Santa Marta Fabril, S. A.», de Abílio Pereira de Almeida; e as estrangeiras: «Maria

Stuart», de Schiller (traduzida por Manuel Bandeira); «Pega Fogo», de Jules Renard; e «Os Perigos da Pureza», de Hugh Mills.

Respondendo a perguntas dos jornalistas, o sr. Augusto Lima Mayer deu interessantes informações a propósito desta temporada do Teatro que o Tivoli vai realizar, intercalada na sua exploração, cinematográfica. Assim, informou que a iniciativa nada tem que vem com a crise que a indústria dos filmes atravessa, em Portugal como em todo o mundo. Disponde o Tivoli de um palco, magnificamente apetrechado, são de todo o ponto de vista normais as apresentações de agrupamentos dramáticos e de «ballet» de reconhecido mérito. Se se quiser relacionar estas iniciativas com o negócio cinematográfico propriamente dito, só se deverá fazê-lo na medida em que se afirmar que este possibilitou aquelas. O director do Tivoli acrescentou que apresentará no decorrer da temporada a Companhia de Marcel Marceau, a de Jeanine Charrat e outras cujas negociações estão em curso. Declarou ainda, também respondendo a perguntas, que o palco do Tivoli está aberto às companhias portuguesas, quando as mesmas se apresentem constituídas de forma a garantir espectáculos de nível artístico indistintivo.

NO VARIEDADES

UMA REVISTA
«Que não é só delas...»

Depois do «ABC» com «Delírio em Lisboa» e «Maria Vitória» com «Tudo na Lua», existia justificada expectativa à volta da estreia da revista «isto é delas», com a qual o «Varietades» acaba de reabrir, iniciando a nova temporada. Dos autores José Galhardo, Fernando Santos e do malogrado Carlos Lopes, recentemente falecido, este novo espectáculo revestido, musicado por Fernando Carvalho e João Nobre, não desludiu, embora se verifique deficiente *arrumação* nos seus 31 quadros e... nas suas cinco *redetas*. Dizemos cinco, porque é o próprio programa da empresa, que se indica. Tem boa montagem de



HERMÍNIA SILVA

Hernani Martins, servida por cenários de bom gosto, não lhe faltaram efeitos de luz a denunciar conhecimentos técnicos perfeitos por parte de quem se encarregou deste sector, tantas vezes levemente descuidado. Nota elevada para a coreografia de Charles e para o vistoso e garrido guarda-roupa confeccionado por Paiva, sob a direcção e figurinos de Moniz Pereira.

Para quem deseje ser compreensivo e conheça as dificuldades que nodiam os empresários de revista, já se pode dar por satisfeito com os resultados obtidos por estes colaboradores de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, que nos apresentam um espectáculo alegre e essencialmente de «music-hall» em que não faltou a presença de dois artistas líricos de reconhecido valor — Domingos Marques e Maria Paço. Poderá não trazer novidades, mas esta revista limpa sob todos os pontos de vista, que se vê com agrado e se aplaude sem esforço, é uma companhia grande, com várias «estrelas» e se nem todas brilham a culpa não lhes pertence em absoluto. Assim, Hermínia Silva que voltou a pisar o palco, não teve papéis ao seu *jeito*, e daí quase a sentirmos deslocada, num meio onde ocupa, por mérito próprio, lugar de relevo. Costinha, com a sua larga experiência, bem como Luísa Duílio, tiraram o maior partido que lhes foi possível, das suas intervenções. Alfredo Ruas que regressou, após vários anos de afastamento,

NOS BASTIDORES

Devido à falta de espaço, só no próximo número da «Flama» me é possível responder às apreciações do jornalista sr. Serafim Gomes Branco, ao meu apontamento «Na Pista do Fado», que publicou, há dias, num semanário de Lisboa.

Não se trata de levantar polémica à volta de um assunto, que não mereceu a aprovação do sr. Gomes Branco, mas sim de procurar esclarecer o que julgo não estar suficientemente claro, nas declarações deste Profissional da Imprensa.

RODRIGUES PITEIRA



Apontamentos críticos
— de —
Rodrigues Piteira

em «Visita de Amizade» e «O grande pintor», marcou discretamente a sua presença. Anita Guerreiro interpretou, com segurança e agrado, dois bonitos números, merecendo referência especial o fado «Fumo do meu cigarro». Maria Adelina com pouco que fazer, teve o seu melhor em «A Feira da Golegã», embora este quadro, *viva* muito do colorido que lhe empresta o corpo de baile, ensaiado por Charles. Alexandre Vieira que vem do teatro declamado, é um novo em quem se depositam esperanças. Felo pouco que vimos, parece-nos ser elemento para aproveitar. Portanto, esperemos. Em pequenos papéis, sem destaque, Ernesto Torres, Pereira Gomes, Alberto de Oliveira e as graciosas «trelinhas» Rita Nobre, Lúcia Maria, Dinah Alegria e Nazaré Ferreira.

Propositadamente, guardamos para o fim os que vieram de fora — Colé Santana, Lilian Fernandes e Nélia Torray. O brasileiro Colé é, na realidade, um bom artista excêntrico que conquistou com relativa facilidade o público, que o distinguiu com fartos aplausos. Lilian Fernandes, com presença agradável e bastante simpática, tem uma voz fraquinha, defendendo-se

(Continua na pág. 22)

NO CAPITÓLIO

«SOCIEDADE EM PIJAMA»

de HENRIQUE PONGETTI pela Companhia de

MARIA DELLA COSTA

Dizem-nos que, devido às dificuldades encontradas na apresentação de certas peças, que fazem parte do seu repertório, o «Teatro Popular de Arte do Brasil» foi forçado a levar à cena esta «sátira cor de rosa» à vida dos novos-ricos do Rio de Janeiro, e que causou, de certa maneira, desluzo no público português que estava a contar com a apresentação de obras mais vigorosas, pela Companhia de Maria Della Costa. «Sociedade em Pijama» é uma comédiazinha distendida de in-

teresse, que poderá levar muita gente à bilheteira, o que não traduzirá um êxito artístico para a companhia brasileira, e isso terão de reconhecer os seus elementos directivos. «Sociedade em Pijama» é uma peça onde não existem grandes papéis e, de todo o elenco, apenas Maria Della Costa, Eugénio Kusnet e Osvaldo Louzada se defenderam com brilho. Glória May que conhecemos do teatro ligeiro, comportou-se de maneira a não merecer reparos de maior. Ruthina Moraes, que se distinguiu na peça «Gimba», não o conseguiu agora, talvez, pela qualidade do papelinho que lhe coube de-

(continua na pág. 22)



MARIA DELLA COSTA

NO AVENIDA

«A MALA DE BERNARDETTE»

Volta a estar em cena num teatro português uma comédia fran-

cesa. Esta, «Oscar», de Claude Magnier possui todas as condições para ser um êxito de bilheteira. O empresário Vasco Morgado voltou a saber escolher. Em versão portuguesa, de Santos Tetzera, passou a chamar-se «A Mala de Bernardette». Esta farsa que distrai e faz rir com facilidade, com a sua graça um tanto ou quanto revista, e como tal acessível a determinada camada do público que com certeza vai gostar e que desculpá-lo o desacerto de representação.

Para nós, os mais certos no estilo pedido para a interpretação da peça de Claude Magnier, foram Henrique Santana, Irene Istáro e Maria Helena. Henrique Santos, com um papel pouco indicado para as suas características, procurou vencer as dificuldades e fê-lo com tanta preocupação, que se chegou a comprometer. Aína Vaz e Rui Luís vão bem nos papéis que lhes distribuíram.

Virgílio Macteira, Carmen Mendes e Maria Shulze, denunciaram a falta de direcção que originou os desacertos a que nos referimos. O estreante Pedro Bandeira, deixou-nos má impressão.

Cenário único e de boa concepção.



HENRIQUE SANTANA

Seja qual for o trabalho de costura a máquina é uma «KAYSER»

Para trabalhos de: alfaiates e modistas, roupa interior, cintas, luvas, gravatas, artigos plásticos, abat-jours, cabedais finos, almofadas, decoração, cortinados e reposteiros, guarda roupa de teatros, barracas de campismo, toldos e capotas para carros, velas de barcos, guarda-chuvas, etc. etc.

KAYSER

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO DAS 15 AS 19 H. **Bardo**

AV. DA LIBERDADE, 131 - LISBOA

"SERRA MADEIRA"

(Continuação da pág. 9)

— Eh... que fazem vocês aí?
 — fámos à da velha, soluçou a Clarinha.
 — A da velha? E o guarda olhou para o companheiro sem conseguir perceber nada.
 — Si senhora à da velha, disse então o Chico, fámos comprar figos.
 — Figos? Vocês estão doidos. Onde é que há aqui uma velha a vender figos?
 — É debaixo do chão, ali nas...
 — ia a replicar o Chico.
 — É pr'ra li, atalhou a Clarinha, dando um puxão na manga do primo.
 — Debaixo do chão? Eu bem digo que vocês estão doidos.
 — Não estemos ná senhora. Atão nã sabe a cantiga que diz

NOTAS DE ESTREIA

(Continuação da pág. 21)

No Variedades

em dois números cantados, dando-nos, no entanto, noção mais exacta das suas possibilidades, no quadro de comédia «A grande actriz». A artista espanhola Núria Torray, apenas com um número, deixou boa impressão. Dramatiza bem e canta de maneira pouco vulgar. Dando balanço geral, a revista, presente em cena no «Variedades» marca mais uma tentativa de transição da antiga revista à portuguesa, para o espectáculo de «musical» e que, apesar de se chamar «isto é delas», não há dúvida de que tudo aquilo foi mais delas do que delas.

No Capitólio

sempenhar. Item de Castro seguiu-lhe as pisadas. Joy Fidal e Ircena Nitsche, ambas de presença sugestiva e pouco mais.
 Benjamin Cattán absolutamente certo na caricatura do «cronista social», Milton Moraes e Altamiro Martins, abaixo das suas possibilidades. Encenação certa de Milton Moraes.

Lance os seus produtos em Moçambique anunciando no «DIÁRIO DE MOÇAMBIQUE» C. P., 643 — BEIRA

OS MELHORES PRESENTES DE NATAL

VISTA ALEGRE

PORCELANAS
 VIDROS

GRANDE PRÉMIO DA EXPOSIÇÃO DE BRUXELAS 1958

Rua Ivens, 19 LISBOA Av. Navarro, 42 COIMBRA Rua Cândido dos Reis, 18 PORTO

Tá ma velha debaixo do chão Vendendo figurinhos a mê tostão?

Os guardas, agora, riam a bom rir. A Clarinha toda ofendida por se rirem dela dizia ao ouvido do primo:

— Parvo. las dezer-les onde era. Ódepois eles compravam-nos todos. Quando a gente lá fosse-já não havia nada.

Voltaram com os guardas para a aldeia. Ao passo cadenciado dos cavalos foram adormecendo, enquanto nas suas cabeceiras continuava a canção:

Serra madeira
 Carpinteira
 Está uma velha debaixo do chão
 Vendendo figurinhos a meio tostão
 Um para mim
 Outro para ti
 Outro para a velha que faz quiri-quiri.

FIM

REI DO CIRCO aos 37 anos

(Continuação da pág. 11)

Coliseu, por onde têm passado os maiores nomes de sempre. Graças a Deus, cá estamos. Américo Covões acarinhou a nossa estreia, fazendo de nós seus amigos.

— E o que nos diz do seu triunfo pessoal?

— Estou muito satisfeito. O público tem sido de uma simpatia extraordinária, premiando o meu trabalho da melhor maneira. Agradeço-lhe, em meu nome, do fundo do coração!

— É, realmente, a primeira vez, que apresenta este género em Portugal?

— Tudo o que estamos fazendo foi apresentado já durante a nossa digressão em Espanha. Criámos alguns números novos para o Coliseu, mas tudo dentro do mesmo estilo.

— E este novo estilo, foi inspirado noutros artistas?

— De maneira nenhuma! É inteiramente novo e, segundo os colegas estrangeiros que têm visto, é único!

Emiliano, o «palhaço rico», prova-nos o interesse que está a despertar o seu trabalho, mostrando uma certa do grande agente artístico Robert Koralek, que os convida a actuar nos Estados Unidos, no Mills Bros. Circus.

— Não sabemos ainda se é possível aceitar o contrato, mas se a viagem se realizar, seremos os primeiros palhaços portugueses a actuar para o público norte-americano. E com esta boa notícia, que esperamos se concretize, despedimo-nos dos palhaços portugueses que acabam de revolucionar a velha sala do Rua Eugénio dos Santos. Parabéns!

A MINHA CRÓNICA

(Continuação da pág. 17)

aperfeiçoada ou desenvolvida pelo exercício, pelo trabalho, estudo e reflexão, mas havendo em tudo isto limites para cada um.

Muita coisa antiga, e em mais duma civilização, esteve errado: a herança de funções, de trabalhos, de cargos, de profissões como sequência dentro da família. Contra esta pretensão, verdadeiramente errónea, há o princípio que vem da sabedoria de séculos: «Cada um é para o que nasceu». Há também o princípio da vocação, coisa natural, que se tem ou não tem —, e nada mais.

DUQUE VIEIRA

Casa Pintassilgo COVILHÃ

Apresenta todos os anos os mais modernos padrões, para fatos, sobretudos, vestidos e casacos de senhora. Peçam amostras para o Apartado 168.

BEBE **BRANDE**
 A QUALQUER HORA
 MAS BEBA BOM.
 BEBA **KOPKE**
 1638

ENCONTRO COM MERCEDES RUIBAL

(Continuação da pág. 17)

realizo-a. Mas quase sempre acontece dar-se uma modificação, muitas vezes profunda. Tem-me já acontecido começar a pintar flores e sair na tela uma maternidade, ou o contrário. Só quando o quadro está bastante avançado sei de facto o que vai sair.

— Agradeço-lhe imenso, Mercedes Ruibal, o que me disse de si, do seu trabalho, da sua vida. Mas vou fazer-lhe ainda três perguntas mais, embora noutra direcção: Como poetisa e como pintora quer citar-me um poeta e um pintor galegos do futuro?

— Sim, posso citar-lhe dois grandes nomes do futuro: Celso Emílio Ferreiro, como poeta, e Colmeiro, como pintor.

— Crê que os artistas e escritores poderão finalmente dar uma real contribuição ao entendimento entre todos os povos?

— Absolutamente. Só eles, só nós, em realidade o poderemos fazer.

— Conhece a Europa e a América. Gostaria de ir ao Oriente?

— Gostaria de ir a toda a parte e principalmente ao Oriente, não sei se por influência dos perfumes, se pelas marcas deixadas pelos árabes, se pela lembrança das navegações...

Estava terminada a entrevista com Mercedes Ruibal, uma das mais válidas artistas da Espanha de hoje, galega de nascimento e universal pela graça de Deus.

FERNANDO SYLVAN



Torne o seu sorriso mais atraente com **Tek**

A melhor escova de dentes que poderá comprar



Johnson & Johnson



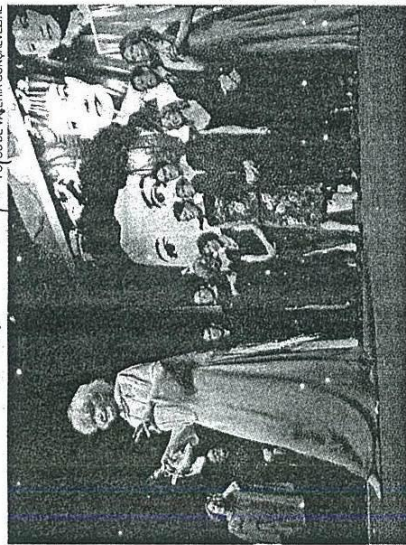
TE/3/57

Artes Cênicas Premiação:

Apetesp celebra aniversário do Teatro Maria Della Costa

A atriz que dá nome à casa foi a grande homenageada da bela festa

ESP 27/10/04 D-3
FOTOS DE VALÉRIA GONÇALVES/VEZAE



PALCO: Bem-humorada, Maria Della Costa tira os sapatos na festa

Beth Néspoli

Paulo Autran, Raul Cortez, Maria Adelaide Amaral, Umberto Magagnani, Antônio Petrin, Emílio Di Biasi, Carlos Meceni, Bárbara Paz, Isabel Teixeira, André Garofoli, Rachel Ripani – artistas de diferentes gerações e linguagens teatrais reuniram-se ontem numa bela festa em homenagem à atriz Maria Della Costa. Realizada pela Apetesp no teatro fundado pela atriz, a festa a um só tempo celebrou os 50 anos de fundação do Teatro Maria Della Costa como também serviu para anunciar a volta, em 2005, do Prêmio Apetesp – historicamente oferecido aos melhores do ano em diferentes categorias de criação. Paulo Autran havia sido o homenageado da última e bellissima festa de premiação aos melhores de 98, que ocorreu na Sala São Paulo, em agosto de 99.

Carlos Meceni, o atual presidente da entidade, explicou que a mesma passou por dificuldades financeiras, daí a suspensão do prêmio, dificuldades agora sanadas, podendo assim voltar a oferecer o troféu criado por Maria Bonomi aos que se destacaram na cena. Na noite de anteontem, a premiação foi retomada simbolicamente. O troféu foi distribuído a pessoas e entidades que contribuíram para o enriquecimento do teatro brasileiro, a exemplo da homenageada da noite, Maria Della Costa (*leia ao lado*).

Passava um pouco das 21 horas quando os apresentadores da festa

lo. Bem-humorado, Danilo elogiou a "tribo do teatro, esses grandes enganadores que falam as grandes verdades".

Ainda que sem o querer, Danilo Santos de Miranda é exemplo que reforça a tese do diretor. José Celso Martinez Corrêa – que subiu ao palco inesperadamente, quebrando protocolo – de que a pessoa certa no lugar certo faz a diferença, independentemente de partidos políticos, entidades ou instituições. "Vim aqui sem ser convidado, de outra festa, do PT, para dar um abraço em Maria Della Costa", disse Ze Celso salutando inesperadamente sobre o palco no meio da festa. Do alto de seus cabelos brancos, ele defende a ideia de que divisões internas na classe teatral só servem às pessoas erradas. E como jamais separa pensamento e ação, foi às duas festas. "Todos são convidados", disse elegantemente Zecarlos de Andrade.

O diretor, Gianni Ratto e ex-presidentes da Apetesp, como Raul Cortez e Eva Wilma, foram outros homenageados da noite. Mereceu ainda aplauso especial o produtor Celso Curi, que levou seu prêmio pela criação do ótimo *Guia Off*. Maria Bonomi, a criadora da escultura, também foi homenageada com um de seus troféus. Mas foi mesmo Maria Della Costa quem encorreu a noite, com bom humor e aplaudida até mesmo quando tirou os sapatos – desculpe, mas estou acostumada a só andar de tênis lá em Paraty. ●

SERÁ QUE É DE SONHO A VIDA DA ATRIZ?



Quando o teatro que fundou na Rua Paím completou 20 anos, em 1974, a atriz Maria Della Costa exibiu com orgulho a seguinte contabilidade: 25 peças encenadas, 769.173 espectadores pagantes e 19.337 convidados. Junto ao seu marido, o ator e produtor Sandro Polônio (1920-1995), ela tinha motivos para comemorar – se não havia sido fácil pagar o investimento em uma sede para a sua companhia teatral, mais difícil ainda foi conquistar o seu lugar na cena teatral brasileira.

Nascida Gentile Maria Marchiori Della Costa na pequena cidade gaúcha de Flores da Cunha, de uma família remediada, viu-se obrigada a trabalhar aos 13 anos, quando seus pais se separaram. Um tio lhe arrumou trabalho numa casa fotográfica. Lindíssima, logo estava nas capas das principais revistas da época. Aos 14 anos, levada pelo diretor e produtor cinematográfico Fernando de Barros, começa a desfilar para ateliês de alta costura no Cassino Copacabana. A chance no teatro veio pelas mãos de Bibi Ferreira, uma participação na peça *A Moreninha*. A crítica não perdoa. "Ela é linda de morrer, mas ainda não é atriz."

Determinada, vai estudar em Portugal. Na volta, em 1946, ingressa o grupo Os Comediantes, dirigido por Miroel Silveira, onde conhece Sandro Polônio, com quem se casa, amor que durará para sempre. Juntos, fundam o Teatro Popular de Arte. Mais tarde, ambos constroem a sede da companhia, na Rua Paím, 72, atual Teatro Maria Della Costa, pago em custosas prestações; durante 15 anos. De Itália, ambos trazem ninguém

menos do que Gianni Ratto, responsável pela encenação que inaugura o teatro – *O Cantão da Cotovia*, de Jean Anouilh. Começa aí a trajetória desse teatro onde vão acontecer montagens históricas como *Moraéria*, de Jorge Andrade, com a jovem atriz Fernanda Montenegro, no elenco. Maria Della Costa atuou com grandes diretores como Flaminio Bollini em *Railé*, de Gorki; Flávio Rangel em *Gim-ba*, de Guarneri e *Depois da queda*, de Arthur Miller; e *Antunes Filho*, em *Bodas de Sangue*, de Lorca e *Tome Conta D'Amélia*, de Feydeau. Como atriz à frente de uma companhia, excursionou por todo o Brasil e levou ao palco repertório de qualidade apostando em autores nacionais e em importantes estrangeiros inéditos aqui, como nas peças *A Resposta*, de Sartre e *Waizeck*, encenada com o título de *Lua de Sorã*, de Büchner. Na televisão fez sucesso em novelas como *Beto Rockfeller* e *Estúpido Cupido*. Atualmente, Maria Della Costa pode se orgulhar de ter enriquecido a história do teatro brasileiro, sem jamais ter deixado de ser uma bela mulher.

ANEXO 70 – Fotografia com Maria Della Costa (21 de Janeiro de 2012)

